

Chuva no RS causa retirada recorde de moradores no Brasil

Evacuação de casas no RS é a maior em 3 décadas no país

Soma de desalojados e desabrigados no estado é de 618 mil atualmente

DELTA FOLHA

Géssica Brandino
Vitor Antonio
Paula Soprana

SÃO PAULO A tragédia socio-climática que atinge o Rio Grande do Sul é a pior do país considerando o número de pessoas que precisaram deixar suas casas.

Análise da Folha agrupou todos os desastres relacionados à chuva, inundações, seca, vendavais e outros eventos naturais por estação do ano desde 1991, início da série histórica do governo federal. O estado contabilizou 537,386 desalojados neste sábado (11), maior número já registrado no país, segundo o Atlas Digital de Desastres no Brasil, que tem dados consolidados até 2022, e informações preliminares do Sistema Integrado de Informações Sobre Desastres (SISD) para 2023. Ambas as bases são do Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional.

Os registros foram agregados por estado e o recorde por estação foi escolhido pois os eventos climáticos costumam se estender por municípios próximos ao longo de dias de meses diferentes.

Os dados, notificados pela Defesa Civil dos estados, consolidam os danos causados na data de início da tragédia no município, sem estipular a data de término da mesma.

Desalojados são as pessoas que têm de deixar suas casas, mas não precisam recorrer a abrigos públicos, caso dos desabrigados. Nas duas definições, a inundação no sul atinge marcas históricas. Ao todo, 618 mil pessoas estão em uma dessas situações no estado — soma dos 537 mil desalojados com 81 mil desabrigados.

Até então, o maior número de desalojamentos havia sido verificado em Santa Catarina, no inverno de 2011, com 219 mil pessoas, por causa de fortes chuvas. Os municípios mais atingidos foram Blumenau e Itajaí, com 135 mil pessoas que deixaram suas casas.

Em terceiro lugar, aparecem municípios do Maranhão, em outubro de 2009, com 163,412 desalojados afetados por enchentes, especialmente nas cidades de Bacabal, Pedreiras e Trizidela do Vale.

Os dados mostram que 7,9 milhões de pessoas ficaram desalojadas e mais de 2,1 mi-



Cheia do rio Cai provocou inundações e fez pessoas saírem de suas casas. Carlos Maciel/Folhapress

lhões desabrigadas no Brasil por conta de tragédias nas últimas três décadas.

No Rio Grande do Sul, 81,043 pessoas precisaram recorrer a abrigos em 2023 devido ao período de cheias no sistema Negro, Solimões e Amazonas. Na época, foram 198 dias de enchentes, segundo o Serviço Geológico do Brasil.

Antes, as maiores evacuações no Rio Grande do Sul também foram causadas, em sua maioria, por fenômenos hidrológicos, como chuvas, enchentes e inundações. Em termos de desalojados, o pior registro no estado havia ocorrido na primavera de 2009, com 81 mil pessoas após a passagem de um ciclone extratropical. Os municípios de Tramandai e Rolante somaram 17 mil desalojados.

O maior número de desabrigados havia sido identificado no outono de 2011, com mais de 15 mil pessoas. A maior parte foi no município de São Lourenço do Sul, no dia 10 de março, em uma das maiores enchentes vistas no local.

Em 2023, os números altos permaneceram por causa das enchentes nos rios Uruguai, Taquari e no lago Guaíba.

Na primavera, pior estação naquele ano, foram mais de 65 mil desalojados e 8,600 desabrigados. Eldorado do Sul e Taquara foram os mais atingidos pelas cheias entre novembro e dezembro, com 8,500 sem abrigo. Durante o outono, quase 55 mil pessoas foram desalojadas e 9,200 desabrigadas durante as cheias. São Leopoldo e Taquara tiveram as ruas inundadas com o transbordamento do Rio dos Sinos, que deixou 34 mil desalojados.

No inverno, 33 mil pessoas também ficaram sem alojamento e 7,000 foram obrigadas a procurar abrigo. Enchentes no rio Taquari obrigaram 11 mil pessoas a deixarem suas casas nos municípios de Arroio do Meio e Lajeado.

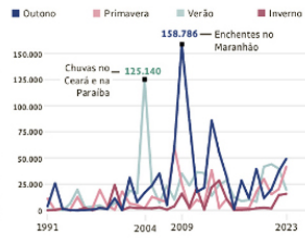
O padrão de chuva difere de acordo com a região do país.

Nossa grande referência é a cheia de 1941, que levou 32 dias para descer abaixo da cota de inundação do Guaíba, que é de 3 metros. Isso significa que não podemos esperar baixar o rio para reestabelecer coisas básicas à população, tem que ser antes

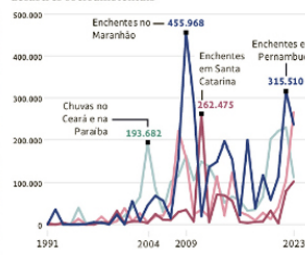
Rodrigo Paiva
Pesquisador do Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Tragédias climáticas já forçaram quase 10 milhões de pessoas a deixarem suas casas desde 1991 no Brasil

Desabrigados por estação em 33 anos de desastres socioambientais



Desalojados por estação em 33 anos de desastres socioambientais



Fontes: Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional

No Sudeste, o maior volume de precipitações ocorre no verão, enquanto no Nordeste, se concentra no outono e no inverno. Já no Sul, ocorre com maior frequência na primavera e no outono, as chamadas de estações de transição, explica o climatologista José Marengo, meteorologista e coordenador-geral de Pesquisa e Desenvolvimento do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden).

“As mudanças climáticas estão mais claras nas estações de transição. Você vê chuvas intensas na primavera que você esperaria no verão, como também dias muito frios em maio, quando você esperaria em junho ou julho. A sazonalidade do clima continua, mas a intensidade dentro das sazonalidades está mudando”, diz. Segundo Marengo, é preciso se preparar para o enfrentamento dos desastres diante da tendência de aumento de episódios de chuvas extremas, decorrentes do aquecimento global. “Aqueles comportamentos no lago Guaíba eram dos anos 1970, só que a chu-

va aumentou em volume. Isso significa que as estruturas hidráulicas têm de ser repensadas e melhoradas, é preciso ter uma transformação das cidades. Uma tragédia desse porte é muito difícil de ver no Brasil, mas aconteceu e pode voltar a acontecer novamente”.

O Rio Grande do Sul não conhecia uma cheia tão forte desde 1941. Desde então, a população cresceu muito e ocupou áreas de risco e mais propensas a inundações. Os investimentos em contenção não acompanharam esses movimentos. Além disso, a geografia do estado ajudou a propiciar cheias intensas em áreas planas e serranas, com solo de baixa capacidade de armazenamento.

“Nossa grande referência é a cheia de 1941, que levou 32 dias para descer abaixo da cota de inundação do Guaíba, que é de 3 metros. Isso significa que não podemos esperar baixar o rio para reestabelecer coisas básicas à população, tem que ser antes”, diz Rodrigo Paiva, do Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Cotidiano Caderno: B Pagina: 1